

FORMAÇÃO CONTÍNUA

ILUSÃO... OU UMA SOLUÇÃO ?

*Maria Eduarda Lôbo Vilela**

A Formação Contínua de Professores é um propósito/necessidade que tem constituído preocupação de todas as entidades envolvidas no complexo processo da Educação. Inúmeros e variados projectos têm sido gizados e levados a cabo, em maior ou menor extensão das suas intenções. No entanto, a realidade mais frequente tem sido o cair-se na formação pontual, por vezes desarticulada e, por isso, menos fecunda. Temo-nos questionado incessantemente sobre as razões deste insucesso e uma, que sobreleva todas as outras, parece-nos residir no facto de, conforme determina o Despacho nº38/EAE/82 publicado em D.R. em 13 de Janeiro de 1983 e ainda em vigor, os professores disporem de apenas 6 dias, em cada ano lectivo, para a sua formação. Para os formadores, uma consequência imediata desta limitação é a necessidade de "dar muito", em pouco tempo. O saber científico e psicopedagógico atravessa, felizmente, uma fase de crescimento exponencial, e o formador ansela partilhar o seu conhecimento e experiência com todos aqueles que estão envolvidos na mais importante tarefa social: ajudar a preparar os cidadãos de amanhã.

Mas, como consegui-lo? A solução mais frequentemente encontrada tem

sido a de preparar magníficos textos, organizar seminários e tentar condensar, nalgumas horas, o que foi produto de uma vida...

É importante fazê-lo mas, em nossa opinião, é muito pouco. É sentir recolhido por nós de há longa data, que a passagem da teorização à prática nem sempre é fácil, para não dizer que raramente é tentada, pelos destinatários de todo aquele meritório esforço.

Muito mais que o saber, o formador tem necessidade de transmitir o saber fazer, se quiser concretizar a esperança de que a sua mensagem vai ecoar no trabalho do professor. Mas... só se aprende a fazer, fazendo. É na certeza de ser bem sucedido, na conquista da autoconfiança, que reside a aceitação do desafio e a vontade de mudar, porque já vivemos o percurso, já experimentámos o prazer da mudança e, então, queremos que os outros partilhem da nossa segurança, da nossa descoberta, do nosso enriquecimento. E esses outros, para o professor, são os seus alunos.

E aqui voltamos à pergunta que se impõe implodosa, ao formador:

* Docente da ESE de Beja e Vogal da Comissão Instaladora

Como conseguir dar aos formandos, a segurança do saber fazer no tempo que, legalmente, lhe é consagrado? É o derrotante sentimento de impossibilidade instala-se, minando, até ruírem todos os anseios de oferecer, com eficácia, o pouco ou o muito que se tem para dar.

O reconhecimento da importância do factor tempo, em continuidade, para a consecução dos objectivos da Formação Contínua advém de duas experiências por nós vividas: A primeira data de 1981 em que, por iniciativa do Professor Doutor Manuel Ferreira Patrício, se celebrou um Protocolo de Acordo e Cooperação entre a Direcção Geral do Ensino Básico e a Universidade de Évora e tivemos a honra de ser convidados a participar nos cursos de Formação Contínua de Professores de Ensino Primário, na qualidade de Vice-Presidente da respectiva Comissão Coordenadora e como responsável da formação na Área do Meio Físico e Social. Este protocolo permitia que os professores fossem dispensados de leccionar pelo período de três meses consecutivos, para receberem formação nos âmbitos psicopedagógico e científico de todas as áreas programáticas, a cada uma das quais eram dedicadas três semanas.

O tempo de que dispunhamos permitiu-nos desenvolver uma formação essencialmente activa por parte dos destinatários. Mais do que avaliação de cada curso, que apresentou resultados extremamente favoráveis, foi a observação do imenso e profundo envolvimento dos professores, que nos tocou. O modo como ultrapassavam os receios iniciais de abordar o terreno, pouco dominado, da experimentação, para cedo se lançarem com segurança progressiva nas tarefas que lhes eram incumbidas, não nos deixou dúvidas acerca do efeito do nosso trabalho. Encontros posteriores vieram confirmar que esses professores tinham modificado o seu modo de ensinar.

No final do ano lectivo de 1982,

realizados que foram cinco cursos, por várias razões que não vem ao caso registar, este protocolo terminou, mas neste mesmo ano, e até 1985, desenvolvemos a segunda experiência atrás referida: fomos convidados a participar nas Acções de Formação promovidas pela Direcção Geral do Ensino Básico/Direcção de Serviços de Ensino Primário em que foi possível uma disponibilização temporal que consentiu o acompanhamento estreito de trabalhos de projecto nos concelhos de Arraiolos, Reguengos de Monsaraz e Estremoz. Aqui também, o apoio real do trabalho desenvolvido constituiu estímulo e conferiu aos professores a segurança para levar a cabo projectos que ficaram gravados na sua memória, na memória das crianças (e todas as crianças da classe participavam, na medida que lhes era adequada), e da própria comunidade em que a escola se inseria.

Devido a reestruturações ocorridas em 1985, também esta experiência terminou.

Entretanto, em 1986 fomos chamados para integrar a Comissão Instaladora da Escola Superior de Educação de Beja (E.S.E.B.), tomando a responsabilidade de coordenar os Projectos de Formação Inicial e Contínua de Professores.

Desde 1986/87 a 1988/89, esta última decorreu pontual, descontínua, descontextualizada, frustrante para nós... Razões: A pouca disponibilidade dos formadores e dos formandos, face ao acervo das suas atribuições profissionais; a dificuldade de conjugar os tempos disponíveis de uns e de outros. Realce-se que a Formação se fez com empenho de ambas as partes e foi, certamente, proveitosa, mas perguntamo-nos se alcançou a totalidade dos efeitos desejados...

Contudo, desde a mesma data e no desenvolvimento do outro Projecto que nos foi incumbido que, o que começou por ser uma ténue luz, se nos tem imposto

e afirmado cada vez mais, como uma via fecunda para levar a cabo o que entendemos por Formação Contínua: a fusão desta com a própria Formação Inicial, na área da Prática Pedagógica.

Se me permitirem, passo a relatar como se foi construindo esta convicção ao longo dos últimos cinco anos: Os alunos da ESEB começam a sua Prática Pedagógica no 1º ano, com a abordagem da Instituição Escola na sua globalidade; continuam-na no 2º ano, com a observação da classe e, no 3º ano (ou nos 3º e 4º anos, conforme se trate do Curso de Professores do 1º ciclo, ou do 2º ciclo, respectivamente) passam à intervenção. As suas lições são programadas com o apoio dos docentes da ESE e devidamente enquadradas no trabalho que o professor das crianças está a desenvolver, mas enquadradas também numa mensagem de que são portadores: A aprendizagem não pode ser feita apenas dentro da sala de aula, tendo por utensílios unicamente papel e lápis.

As diferentes correntes actuais da Psicologia convergem num aspecto

Pelo menos até aos 12 anos, a aprendizagem real assenta na manipulação, na experimentação, no ver acontecer e no ver repetido o acontecimento, no poder provocar acontecimentos. É assim que entendemos possível a aprendizagem dos conceitos básicos, sobre os quais se poderão construir todas as aprendizagens futuras nos diferentes domínios do saber. Mesmo que, mais tarde, estas venham a processar-se dentro de quatro paredes, apenas com papel e lápis, a criança será portadora de experiências que viveu e ficaram gravadas, constituindo a base real a que se irá reportando e sobre a qual fundamentará os saberes cada vez mais complexos que a Escola lhe irá ministrando.

Então, os nossos alunos em Formação Inicial levam, para as salas onde

intervêm, propostas de actividades, propostas de experiências, que envolvem os meninos e deslumbram os professores, ao verem o universo de descobertas, de conclusões, de aprendizagem que, entre sãs gargalhadas provocadas pelo Imprevisto, as crianças vão encadeando. E a pergunta que, no início de cada ano lectivo, se vem tornando mais frequente e mais geral tem sido: "Professor/a, este ano também temos estagiários? E vamos fazer experiências?"

Quando os professores do 1º ciclo do Ensino Básico (aqueles com quem mais temos trabalhado) nos relatam estas inquietações infantis, fazem-no com alegria, pelas suas crianças. Mais, têm vindo a afirmar-nos, cada vez com mais frequência, que sentem que os seus alunos aprendem muito mais e gostam muito mais de aprender por este processo.

O professor que faz este registo com convicção, já mudou; o professor que nos afirma, entusiasmado pelo que viu acontecer na sua classe, que os estagiários serão sempre bem vindos, porque eles são uma "lufada de ar fresco" nas suas salas, e lhes permitem conhecer novas propostas de trabalho, mais actuais e mais eficazes, já não é mais o mesmo professor. E, porque ajuda o estagiário a organizar os materiais, porque participa nas actividades, porque logo vê ressaltarem os seus efeitos, porque verifica quão simples e pouco exigentes em termos económicos são todas as propostas de trabalho, o desejo de as replicar é firme, porque confiante. O professor viveu ele também, uma experiência contextualizada e, por isso, convincente.

Sabemos ainda, porque no-lo confiaram, que os professores levam os planos de lições e os trabalhos produzidos pelos alunos, para os seus conselhos pedagógicos, para os mostrarem, analisarem e discutirem com os seus colegas que não estão a receber estagiários, já que, em cada escola, há uma grande preocu-

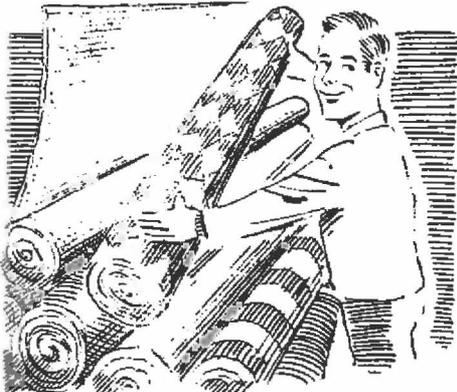
pação em realizar um trabalho sintonizado. Não podemos deixar de ver neste gesto um alargar da nossa intervenção.

Assim, o nosso entusiasmo pelos resultados obtidos é muito grande, porque se afigura uma via fecunda de conseguir realizar, enfim, uma Formação Contínua que não ocupa tempos extra, que não

retira o professor da sua classe, que não perturba o seu desenvolvimento curricular, que não tem custos. Uma Formação Contínua verdadeiramente no domínio da investigação/acção.

Por isso não quisemos deixar de vos dar parte do nosso sentir e de vos ocupar estes momentos.

**Galerias
Ribeiro**



**.EQUIPAMENTO DE REFEITÓRIO
.MOBILIÁRIO
.ALCATIFAS
.TAPETES
.TAPEÇARIAS
.CARPETES
.CARPETES DE ARRAIOLOS**

APLICAÇÃO ESPECIALIZADA
ORÇAMENTOS GRÁTIS
LARGO DOS CORREIOS ☎ 2 60 56

BEJA